



GUERRA EM GAZA

Netanyahu promete “terminar o trabalho”

Boicotado por dezenas de delegações, inclusive, a do Brasil, premiê de Israel afirma no plenário da ONU que não retrocederá no conflito. Entre aplausos e vaias, ele diz que aceitar a criação do Estado palestino seria “suicídio nacional”

Em protesto contra a guerra na Faixa de Gaza, dezenas de delegações diplomáticas — inclusive, a do Brasil — retiraram-se, ontem, do plenário da Assembleia Geral da ONU pouco antes do discurso do primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu. Diante da plateia esvaziada, entre aplausos e vaias, o premiê defendeu as ações de seu governo contra o Hamas e disse que vai “terminar o trabalho” no enclave “o mais rápido possível”, resgatando os reféns feitos pelo grupo extremista.

No pronunciamento, proferido em inglês e em hebraico, Netanyahu prometeu “caçar” os terroristas, rebateu as acusações de genocídio e criticou os países que apoiam a criação do Estado palestino. Aceitar essa medida seria um “suicídio nacional”, frisou.

Em determinado momento, ele se dirigiu diretamente aos reféns mantidos pelo grupo armado islamista, após anunciar que as forças israelenses haviam instalado alto-falantes em Gaza para transmitir seu discurso em tempo real.

“Graças a esforços especiais da inteligência israelense, minhas palavras agora também estão sendo transmitidas ao vivo para os celulares dos habitantes de Gaza. Portanto, aos líderes remanescentes do Hamas e aos carcereiros dos nossos reféns, digo agora: deponham as armas. Deixem o meu povo ir. Libertem os reféns, todos eles, os 48”, ressaltou, dando o ultimato aos extremistas: “Libertem os reféns agora. Se o fizerem, viverão. Se não, Israel os perseguirá até o fim”.

Do lado de fora do prédio das Nações Unidas também houve protesto. Um grupo de manifestantes recebeu Netanyahu com faixas e gritos. O primeiro-ministro israelense é alvo de uma ordem de prisão do Tribunal Penal Internacional (TPI) desde o fim de 2024 por crimes de guerra e crimes contra a humanidade.

Cessar-fogo

Em Washington, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, externava confiança no fim do conflito. “Acho que temos um acordo”, disse Trump a repórteres na Casa Branca nesta sexta-feira. “Acho que é um acordo que nos permitirá



Diante da plateia esvaziada, o líder israelense deu um ultimato ao Hamas, garantindo que vai “caçar” os extremistas e resgatar os reféns

recuperar os reféns, que encerrará a guerra”, afirmou.

Trump voltou a liderar as negociações esta semana, aproveitando a conferência anual da ONU. Em Nova York, o chefe da Casa Branca se reuniu com líderes de países da região para acalmar as tensões após o ataque aéreo sem precedentes de Israel no Catar com o objetivo de eliminar a cúpula do Hamas.

De acordo com uma fonte diplomática, o magnata republicano apresentou um plano de 21 pontos aos países árabes. Entre eles, estão um cessar-fogo permanente em Gaza, a libertação dos reféns israelenses, a retirada israelense do enclave e um futuro governo em Gaza sem o Hamas, cujo ataque em 7 de outubro de 2023 desencadeou a guerra.

“Mentiras antissemitas”

Nos discursos, Netanyahu negou as acusações de “genocídio” em Gaza e o uso da “fome” como



Manifestação em Nova York durante a fala do premiê

tática, insistindo que Israel está, na verdade, alimentando a população do devastado território palestino. “Aqueles que propagam os libelos de sangue do genocídio contra Israel não são melhores do que aqueles que propagaram os libelos

antisemitas”. Ele acusou especificamente os países europeus de aceitarem a “propaganda do Hamas” ao pressionar Israel a estabelecer um cessar-fogo e negociar o resgate de reféns, vivos ou mortos, em Gaza. “Veja, por exemplo, as falsas acusações de genocídio: Israel é acusado de atacar civis, mas nada é menos verdadeiro”, afirmou.

Israel ficou mais isolado ao longo da semana com o reconhecimento de um Estado palestino por países, como França, Canadá, Reino Unido, Austrália e Portugal. Pelo menos 151 dos 193 membros da ONU já tomaram essa medida, mais simbólica do que efetiva.

Ataques terroristas

O premiê afirmou que aceitar um Estado palestino seria um “suicídio nacional”, principalmente porque, enfatizou, a Autoridade Palestina é “corrupta até a medula” e mente quando afirma querer

coexistir pacificamente com Israel. “Dar um Estado aos palestinos a uma milha de Jerusalém depois do 7 de outubro é como dar um Estado para a al-Qaeda a uma milha de Nova York depois do 11 de setembro”, disse, comparando os ataques a Israel de três anos atrás à ofensiva terrorista contra os Estados Unidos, em 2001.

No dia anterior, o veterano líder da Autoridade Palestina, Mahmoud Abbas, havia dito à mesma assembleia que “o Hamas não terá nenhum papel a desempenhar na governança” de um futuro Estado. “O Hamas e outras facções terão que entregar suas armas à Autoridade Nacional Palestina”, assegurou Abbas, que falou por mensagem de vídeo porque os Estados Unidos lhe negaram um visto para viajar para Nova York.

Após o discurso de Netanyahu, o movimento islamita afirmou que a retirada das delegações evidencia o “isolamento” de Israel como resultado da guerra em Gaza.



Aos líderes remanescentes do Hamas e aos carcereiros dos nossos reféns, digo agora: deponham as armas. Deixem o meu povo ir. Libertem os reféns agora. Se o fizerem, viverão. Se não, Israel os perseguirá até o fim”

Benjamin Netanyahu,
primeiro-ministro
de Israel

Conexão diplomática



POR SILVIO QUEIROZ
silvioqueiroz.df@gmail.com

Jogo de charme em linha direta

Planalto e Itamaraty entram a semana em preparação intensiva para a surpreendente reunião acertada entre o presidente Lula e Donald Trump durante o encontro breve e caloroso que mantiveram na sede das Nações Unidas, na abertura da Assembleia Geral. Coube ao anfitrião, que subiu à tribuna após a fala do colega brasileiro, relatar a troca de um abraço, a impressão favorável que formou “em 39 segundos” e a decisão de conversar diretamente.

A aproximação foi festejada com entusiasmo ressabiado em setores do campo governista. Especialmente considerando o teor do discurso de Lula, pontado de críticas duras ao tarifaço de Trump e às sanções impostas por ele ao país, em resiliência pelo julgamento de Jair Bolsonaro. O presidente brasileiro não citou nominalmente o norte-americano, nem os EUA. O magnata não mencionou o aliado

condenado, a quem manifestava solidariedade até poucos dias antes.

Entre observadores da cena diplomática, as atenções se voltam para a “química” pessoal estabelecida entre os dois — nas palavras de Trump. Política e ideologicamente adversários, ele e Lula têm em comum uma propensão a apostar nos contatos pessoais por cima das afinidades de pensamento. E cultivam, cada um a seu modo, um senso aguçado de oportunidade e pragmatismo.

Um como sindicalista, o outro como magnata do ramo imobiliário, cultivaram em oito décadas de vida um instinto atilado para negociações.

Tem precedente

Nos primeiros oito anos como presidente, Lula desfilou charme para se tornar

pessoalmente próximo de George W. Bush, mesmo depois de se opor com veemência à invasão dos EUA para depor Saddam Hussein.

Antes de passar a faixa para Dilma Rousseff, o presidente teve um breve período de lua de mel com Barack Obama, que chegou a se confessar fã do “político mais popular do mundo”. “Esse é o cara!”, disse a um grupo de governantes em conversa informal durante um encontro multilateral.

O romance esfriou, e Obama só veio ao Brasil já durante o mandato de Dilma. Pouco depois, a relação azedou de vez com a descoberta que a presidente estava sob espionagem dos EUA.

É mobile

Justamente as características pessoais de Trump inspiram precauções e cuidados no entorno do Planalto. A mais referida é

um comportamento visto como errático e impulsivo, observado desde seu primeiro mandato. No retorno à Casa Branca, a tendência se mostra exacerbada, como se observa nos vaivéns da guerra comercial, na posição diante da Rússia e da guerra na Ucrânia e até no “morde e assopra” com o premiê de Israel, Benjamin Netanyahu, um aliado incondicional.

Um diplomata que serviu em Brasília há alguns anos, e se tornou fã das telenovelas, escolheu para tema do personagem os versos iniciais de uma conhecida ária da ópera *Rigoletto*, de Giuseppe Verdi: ‘La donna è mobile/qual piuma al vento’.

Malmequer

A delegação brasileira na Assembleia Geral esteve entre as que se retiraram do plenário, ontem, quando o premiê israelense subiu à tribuna. Netanyahu dedicou-se a atacar os países que vêm de anunciar o reconhecimento diplomático do Estado palestino, entre eles aliados

tradicionais, como França e Reino Unido. Com as novas adesões, passam de 150 os governos que endossam a Palestina soberana — o que corresponde a 80% dos 193 países-membros da ONU.

Chamaram a atenção os lençóis palestinos exibidos na ocasião por representantes brasileiros.

Linha de frente

Um grupo de 50 jornalistas brasileiros participou de encontro virtual com 20 colegas palestinos, promovido em Gaza pelo sindicato da categoria e, aqui, pela Federação Nacional, a Fenaj. Na conversa, facilitada pela Embaixada da Palestina, o assunto foi a morte de 252 profissionais nos quase dois anos de ofensiva militar israelense contra o território. Cerca de 400 foram feridos, 200 presos e 270 expulsos de Gaza.

Passada meia hora, a tenda que abrigou os jornalistas palestinos foi bombardeada, segundo o embaixador Ibrahim Alzeben. Todos já tinham deixado o local.